

O Futuro do MNA

Mudar, só para melhor

Em 15 de Fevereiro de 1956, a revista humorística *Sempre Fixe* dedicava toda a sua primeira página à crítica da intenção de deslocação do Museu Etnológico Português (actual MNA) para um edifício novo, a construir no perímetro da nova Cidade Universitária, visando já então libertar espaço nos Jerónimos, destinado à instalação do Museu de Marinha, segundo projecto do Ministro da Marinha, o Almirante Américo Thomaz. O edifício novo chegou a ter projecto, mas nunca foi construído. Dois anos depois, quando Américo Thomaz foi investido em Presidente da República, já estava em marcha a alternativa para instalar o MNA na Cordoaria Nacional, que foi objecto de obras de beneficiação. Iniciou-se então um atribulado processo de resistência a esta medida, que o director do Museu na altura, Manuel Heleno, protagonizou com determinação e coragem invulgares para a época. E na verdade o MNA continuou a estar onde ainda hoje se encontra e “apenas” lhe foi retirado um pequeno sector do piso térreo da extremidade poente, para dar lugar à entrada do Museu de Marinha, que abriu ao público neste local em 1963.

A hipótese de transferir o MNA para a Cordoaria Nacional regressou ciclicamente no último meio século, sempre que se sentiu existirem debilidades financeiras ou de falta de visão estratégica nas áreas da Educação e, mais tarde, da Cultura. E foi exactamente isto a que assistimos no último ano: a intenção de transferência do MNA para a Cordoaria resultou somente da aflição circunstancial do Ministério da Cultura em encontrar espaço para instalar os serviços do IGESPAR que se encontram no local de construção do novo Museu dos Coches, fazendo-o através de um negócio a custo zero, ou seja, da permuta com o espaço ocupado pelo MNA nos Jerónimos.

Bastaria conhecer um pouco da história para perceber como seria duvidoso o êxito deste negócio. E mais duvidoso ele seria através do método autocrático seguido (apresentado ao Director e aos Amigos do Museu como facto consumado), lembrando uma forma de actuação que nem no tempo do Estado Novo teve sucesso.

Sem excluir liminarmente a hipótese, o Director do MNA tem insistido em que a Cordoaria Nacional dificilmente terá condições para receber o MNA, por três ordens de razões: (1) trata-se de um monumento nacional que deve ser respeitado nas suas volumetrias interiores e, se possível, ter usos mais compatíveis com a sua historicidade própria, aproveitando a posição favorável de ligação ao Tejo, onde se pode construir um cais de acostagem para visita a navios históricos, numa extensão museológica do Museu de Marinha; (2) está situada numa das zonas de maior risco sísmico e de inundação de Lisboa, só comparável com o Terreiro do Paço, já que nela confluem os sedimentos móveis do aterro litoral e os do estuário do rio Seco – condicionantes que, mesmo sendo solúveis, originariam sobrecustos elevadíssimos; (3) as áreas úteis a serem ocupadas pelo MNA poderão não ser significativamente superiores às actuais, uma vez que se pensa lá instaladar diferentes serviços do Ministério da Cultura, dando origem a uma espécie de “albergue espanhol”, na feliz expressão da nossa colega dos corpos gerentes do GAMNA, Raquel Henriques da Silva.

Estas reservas foram expressas na nossa Declaração de 16 de Fevereiro. E foram depois apresentadas de viva voz ao senhor Ministro da Cultura, em audiência onde tivemos ocasião de manifestar a nossa total oposição a qualquer diminuição da capacidade operacional do Museu nas suas instalações actuais, referindo-nos concretamente à eventual alienação da “torre oca”, que já então se dizia constituir uma espécie de garantia fiduciária para que o negócio de permuta se fizesse.



Apesar do inchaço das pernas e da falta de pés, corexei a batalhar para que não me desalojem da Praça do Império.



Entrada original do MNA, por onde desde 1963 se faz a entrada do Museu de Marinha. De notar o derrube da torre central (actual entrada do MNA) e a não construção das alas poente e norte do plano oitocentista, actualmente ocupadas pelo Museu de Marinha, mas inicialmente destinadas ao MNA.

Portugal



D. Nuno Álvares Pereira deverá ser canonizado em Roma a 26 de Abril ou em Outubro, pelo milagre da cura de uma úlcera na córnea (olho) de uma senhora portuguesa. Já o pedido de beatificação da irmã Lúcia, falecida há três anos, só será formalizado pela diocese de Coimbra dentro de dias.

Amigos do Museu de Arqueologia ameaçam com “resistência cívica” e “acção popular”

Alexandra Prado Coelho

Fórum Cidadania Lx lança petição contra a mudança do MNA dos Jerónimos para a Cordoaria Nacional

● O Grupo de Amigos do Museu Nacional de Arqueologia (GAMNA) está disposto a avançar para a “resistência cívica, por todo o meios legais ao [seu] alcance, inclusive o de acção popular”, se forem retiradas ao museu

sessões, assistir a espetáculos e conferências”. Terá sido discutida a possibilidade de a Torre Oca ser entregue, já numa primeira fase, ao Museu da Marinha (ao qual estava afectada desde os anos 60).

Numa fase posterior, se se confirmar a saída do MNA, o espaço deixado livre seria também entregue ao Museu da Marinha que, por seu lado, cede a Cordoaria. Na origem destas mudanças está a necessidade de libertar as instalações das antigas Oficinas Gerais de Material do Exército, onde se encontram serviços ligados à



projecto do novo Museu dos Coches “constitui um verdadeiro ‘terramoto’ de efeito de ricochete na museologia nacional”.

A meio da tarde de ontem, a petição já tinha recolhido 246 assinaturas, sendo os primeiros signatários a professora de História da Arte Raquel Henriques da Silva (que pertence ao GAMNA), o arquitecto Nuno Teófilo Pereira e o presidente da Associação dos Arqueólogos Portugueses, José Morais Arnaud.

O Fórum Cidadania Lx insurge-se ainda contra a construção de um no-

Recebemos do senhor Ministro da Cultura garantias tranquilizadoras quanto a todas as questões que lhe colocámos, incluindo a da alienação da “torre oca”, e demos conta disso no nosso comunicado de 26 de Fevereiro, intitulado “Em Defesa do MNA: Mudar, só para melhor”.

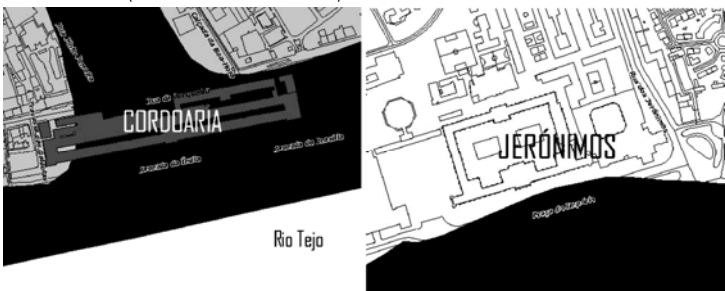
Final parece que as garantias dadas não eram assim tão efectivas. O Director do Museu comunicou-nos mais tarde que recebera instruções de desocupação da “torre oca” até Setembro, ordens que nos indicou não estar na disposição de cumprir, conforme informou a sua tutela e a Comissão Parlamentar de Cultura, que visitou ao Museu em 2 de Junho.

Entretanto, a situação conheceu desenvolvimentos positivos no último mês, principalmente depois da data das eleições legislativas e na razão directa da contestação feita ao novo Museu dos Coches, que está na raiz do negócio de permuta entre a Cordoaria e os Jerónimos. A Câmara Municipal de Lisboa, através da Assembleia Municipal, exigiu ao Governo a suspensão do processo de construção do novo Museu dos Coches e, através da vereação, recomendou a audição de todos os interessados e a abertura de um período de debate público sobre toda a problemática conexa. É, pois, de crer que todo este assunto fique suspenso até depois da formação de um novo Governo, resultante das próximas eleições legislativas. E que, quando surgir de novo, não contemple já a ideia da transferência do MNA para a Cordoaria ou, pelo menos, não penalize o Museu até que tal perspectiva se possa concretizar.

Estaremos atentos. Saudamos o Director do Museu pela sua dinâmica, traduzida em indicadores de gestão de grande qualidade, e pela verticalidade com que tem actuado. Mas sendo, como somos, um dos maiores e mais activos Grupo de Amigos dos museus portugueses, sabemos bem quais são as nossas responsabilidades. E não abdicaremos delas.



Visita da Comissão Parlamentar de Cultura ao MNA. Da esquerda para a direita: Fernando Rosas (BE), Luís Raposo (Director do MNA), Teresa Portugal (PS), Matilde Sousa Franco (PS), Manuel Oleiro (Director do IMC), João Oliveira (PCP), Luís Chaby Vaz (Chefe de Gabinete do MC), Elísio Summavielle (Presidente do IGESPAR).



Carta de Risco Sísmico de Lisboa (CML). A negro as zonas de perigosidade máxima. À esquerda, vê-se o edifício da Cordoaria Nacional em plena área de risco máximo, sobre a faixa litoral e o estuário do rio Seco. À direita, a posição dos Jerónimos, em local mais seguro.

PROJECTO DOS ARQUITECTOS CARLOS GUIMARÃES E LUIS CARNEIRO PARA A TORRE OCA

Colocada no eixo central do espaço ocupado pelo MNA, a Torre Oca surge como centro distribuidor de fluxos em todas as direcções: para norte, acesso ao pátio comum com o Museu de Marinha; para oeste, cafetaria; para leste, auditório; para o piso superior, através de elevadores e escadas, acesso à futura exposição permanente do Museu.